

A MAÇONARIA E O ESPIRITISMO NO CAMPO EDUCACIONAL EM PELOTAS-RS, BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Giana Lange do Amaral

Universidade Federal de Pelotas, Brasil
gianalangedoamaral@gmail.com

Marcelo Freitas Gil

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Brasil
marcelogil.ifsul@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa a influência da Maçonaria e do Espiritismo no campo educacional do Município de Pelotas-RS, Brasil, nas primeiras décadas do século XX, quando maçons e espíritas fundaram na cidade duas escolas, respectivamente o 'Ginásio Pelotense' em 1902 e o 'Colégio União Espírita de Pelotas' em 1907. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, com base nos pressupostos teóricos da Nova História Cultural, buscamos traçar algumas considerações sobre o processo de constituição dessas duas instituições educacionais, salientando a importância da municipalização das mesmas para a continuidade de suas atividades.

Palavras-chave: Maçonaria; Espiritismo; Educação; Município de Pelotas.

Abstract

This paper analyzes the influence of Freemasonry and of Spiritism in the educational field in the city of Pelotas, Brazil, in the first decades of the 20th century, when masons and spiritists founded in the city two schools respectively the 'Ginásio Pelotense' in 1902 and the 'Colégio União Espírita de Pelotas' in 1907. Through a bibliographical and documentary research, based on the theoretical assumptions of the New Cultural History, we seek to draw some considerations about the process of formation of these two educational institutions, stressing the importance of municipalization of them to continue their activities.



Keywords: Freemasonry; Spiritism; Education; City of Pelotas.

Introdução

O presente estudo, inspirado em teóricos como Michel de Certeau (2011), Pierre Bourdieu (1998; 2000), Roger Chartier (1990) e Viñao Frago (2007), dentre outros, analisa a influência da Maçonaria e do Espiritismo no campo educacional do Município de Pelotas-RS, Brasil, nas primeiras décadas do século XX, quando os maçons e espíritas pelotenses passaram a atuar nesse campo com o objetivo de divulgar os seus ideais.

Naquele momento histórico a Maçonaria estava envolvida em uma acirrada disputa político-ideológica com a Igreja Católica, instituição que então possuía forte influência junto ao sistema educacional brasileiro. Isso acontecia ao mesmo tempo em que o Espiritismo, doutrina sistematizada em França a partir de 1857 pelo pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec, procurava se legitimar junto ao campo religioso brasileiro. Em 1902 os maçons fundaram o Ginásio Pelotense, posteriormente municipalizado e que hoje se denomina Colégio Municipal Pelotense, uma das principais escolas do Município. No ano de 1907 os espíritas criaram o Colégio União Espírita de Pelotas, instituição educacional que deu origem à Escola Assistencial Jeremias Fróes, atualmente também administrada pela municipalidade.

No âmbito deste trabalho, entendemos o 'campo' na perspectiva de Bourdieu (1998; 2000). De acordo com ela, este é um espaço social relativamente autônomo, dotado de leis próprias, onde se desenrolam lutas pela detenção do poder simbólico, que produz e confirma significados. Nessa perspectiva, sustentamos que os maçons e espíritas pelotenses buscaram se firmar no ambiente cultural pelotense, disseminando os seus ideais por meio da fundação dessas duas escolas, através das quais procuravam também combater a presença do catolicismo na cidade.

Diante das dificuldades de manter esses dois projetos ao longo do tempo, a municipalização das duas entidades educacionais surgiu como solução para a sua continuidade, revelando a importância da atuação do poder público municipal no campo educacional brasileiro.



Pelotas, Gênese e Desenvolvimento Urbano

O Município de Pelotas está situado no estado do Rio Grande do Sul, zona meridional do Brasil, e tem a sua origem associada à indústria do charque, que começou as atividades na região em 1779, quando José Pinto Martins, vindo do nordeste do país, instalou a primeira charqueada junto ao Arroio Pelotas (Magalhães, 1993).

O êxito do empreendimento acabou por incentivar a instalação de outras charqueadas na região e gradativamente a indústria saladeril se firmou no território do sul do país. Durante o século XIX o povoado formado ao redor das charqueadas se desenvolveu e em 1812 recebeu a denominação de freguesia, com o nome de São Francisco de Paula. Logo a seguir, em 1832, a freguesia emancipou-se de Rio Grande, a cuja Câmara estava subordinada, adquirindo o *status* de vila.

A posição estratégica da vila, junto ao canal São Gonçalo, que dá acesso a duas lagoas, numa região protegida, por ser um pouco afastada do litoral, conjugada ao pioneirismo na produção de charque, permitiu o desenvolvimento de uma indústria poderosa, geradora de grandes somas de capitais e de apreciável concentração de renda na região, com a consequente formação de uma camada social privilegiada.

O desenvolvimento dos negócios do charque permitiu que os estancieiros, enriquecidos com a pecuária, pudessem residir na zona urbana, onde tinham a oportunidade de exercer atividades políticas com maior êxito e vivenciar outras experiências próprias do meio urbano, como as ligadas à cultura, por exemplo. A acumulação de capital se intensificou e com ela as operações de crédito e as transações bancárias. Como consequência, a vida cultural também pôde se desenvolver com maior pujança.

De acordo com Magalhães (1993), esses fatores, combinados ao êxito econômico dos negócios do charque e a uma certa diversificação na economia local, fizeram com que Pelotas tivesse a sua *Belle Époque* entre os anos de 1860 e 1890, período em que se verificou um grande apogeu econômico, social e cultural.

As transações comerciais feitas a partir do porto colocaram a cidade em contato com os grandes centros comerciais e culturais da América e da Europa:

“O que ocorria é que os navios que levavam o charque para a Bahia e para o Rio de Janeiro, para a Europa e para os Estados Unidos, não haveriam de voltar



vazios. Pelo contrário: os charqueadores mantinham agentes comerciais nos diferentes portos, de torna-viagem esses navios vinham carregados de mantimentos, móveis, louças, quadros, modas, livros, figurinos e magazines dos grandes centros. Proporcionavam um contato permanente com as civilizações do século XIX, além daquele que era feito por iniciativa dessa própria civilização, quando as companhias líricas da Corte e de outras capitais do mundo chegavam a essa cidade quase que em primeira mão, para depois excursionar pela Província. (Rio Grande era a porta de entrada; Porto Alegre o terceiro centro a ser visitado; na volta as companhias costumavam reapresentar-se em Pelotas). Isso sem falar, é claro, nas viagens empreendidas pelos próprios industrialistas, ou nas notícias e encomendas que mandavam os seus filhos, aqueles que estudavam fora, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa e Coimbra – mas também, como se viu, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos”. (Magalhães, 1993: 137-138)

Dessa forma, pode-se afirmar que ao longo da segunda metade do século XIX Pelotas configurou-se como uma localidade em que os valores sociais tinham características eminentemente urbanas, relacionadas com as artes, as letras, as ciências e os negócios comerciais e financeiros. Isso permitiu que a Maçonaria e o Espiritismo penetrassem na cidade e se desenvolvessem, conquistando inúmeros adeptos. Esses seguidores buscaram atuar em diversos campos com o objetivo de propagar os seus ideais. Nesse sentido, destacou-se o campo educacional, em que os maçons e espíritas se fizeram presentes já nos primeiros anos do século XX.

A Maçonaria em Pelotas e o Ginásio Pelotense

A colonização tardia do Rio Grande do Sul com relação ao restante do Brasil implicou num estabelecimento institucional igualmente tardio da Igreja Católica no estado, o que contribuiu para a difusão de um pensamento anticlerical nessa região, especialmente na primeira metade do século XIX. Em razão disso, a elite local passou a sofrer forte influência do pensamento liberal, presente e divulgado através da Maçonaria, que pôde então conquistar um número relativamente grande de membros no seio dessa mesma elite regional.

O pensamento maçom, marcado por valores como o anticlericalismo, o liberalismo e o cientificismo, levou a instituição a uma disputa com a Igreja Católica no mesmo período histórico. Essa disputa teve desdobramentos no campo educacional,



já que os católicos praticamente dominavam o sistema de ensino da época. Esse processo estendeu-se por todo o período do Segundo Reinado (1840-1889) e nos primeiros anos da República e foi assinalado pela participação dos maçons na organização de diversas instituições educacionais, em que era estabelecido um ensino laico, em oposição às escolas religiosas mantidas pela Igreja Católica.

Graças ao desenvolvimento urbano experimentado por Pelotas já no século XIX, a Maçonaria encontrou terreno fértil para penetrar e se desenvolver na cidade (Amaral, 1999). Desde a criação das primeiras lojas maçônicas em Pelotas, os seus integrantes envolveram-se ativamente não apenas com os problemas nacionais, mas também com as aspirações e necessidades locais. A primeira loja maçônica do Município foi a 'Harmonia Rio-Grandense', regularizada em 1841 junto ao Grande Oriente do Brasil. Ainda naquela década surgiram duas outras lojas, a 'Protetora da Orfandade', constituída em 1843, e a 'Comércio e Indústria', regularizada em 1847.

Em 1853 essas duas últimas lojas se fundiram, dando origem à 'União e Concórdia', que passou a funcionar no antigo prédio da 'Comércio e Indústria', enquanto o prédio da 'Protetora da Orfandade' foi vendido para o pagamento de dívidas. Com a fusão das duas lojas os maçons pelotenses puderam planejar a criação de uma obra assistencial permanente na cidade, o que foi conseguido em 7 de setembro de 1855, com a fundação do 'Asilo de Órfãos Desvalidas Nossa Senhora da Conceição'. A concretização desse ideal marca de forma inequívoca a presença e a importância da Maçonaria no cenário social pelotense no início da segunda metade do século XIX.

Em 25 de agosto de 1855 foi fundada a loja 'Honra e Humanidade', que teve entre os seus diretores homens proeminentes na política do Rio Grande do Sul, como Domingos José de Almeida. Quase todos os membros dessa nova loja faziam parte da 'Loja União e Concórdia' que desde então deixou de existir.

Com a vinda de muitos imigrantes para a cidade a partir do final do século XIX, muitos deles ligados a profissões liberais e ao artesanato, novas lojas maçônicas surgiram, a fim de abrigar os adeptos da irmandade que se encontravam entre esses imigrantes, o que se traduziu em uma maior abertura da entidade a esses segmentos da sociedade. Exemplos disso são a criação da loja 'Artistas de Pelotas' em 1871, posteriormente transformada em loja 'Rio Branco', e a criação de uma loja fundada por italianos em 1901, sendo vários deles artesãos e alguns até mesmo socialistas. Durante as décadas de 1920 e 1930 os maçons pelotenses editaram o jornal O



Templário, que representou um importante veículo de divulgação de suas ideias, exercendo influência junto à opinião pública.

A Maçonaria via na educação um eficiente veículo para a propagação de seus ideais, o que contribuía para acirrar a tensão entre esta instituição e a Igreja Católica. Em Pelotas, apesar do Bispado ter sido instalado apenas em 1911, o Catolicismo já se fazia institucionalmente presente no campo educacional através do Colégio São Luiz Gonzaga, criado pelos jesuítas em 1894 e dedicado à educação de meninos.

No Município de Pelotas essa tensão encontrou seus pontos de culminância com a criação do Ginásio Pelotense em 24 de outubro de 1902, em uma reunião que congregou as lojas maçônicas 'Antunes Ribas', 'Lealdade' e 'Rio Branco', com o apoio do Grande Oriente do Rio Grande do Sul. O jornal maçônico da cidade frisou que o objetivo da escola era formar "futuros cidadãos aptos a viver em uma democracia, da qual deveriam ser bons auxiliares, e não pela sua educação estreita e fanática, elementos perturbadores da ordem e do progresso"¹.

No Ginásio Pelotense os maçons passaram a oferecer um ensino laico, baseado no racionalismo, no cientificismo e no método experimental, voltado para a vida prática do aluno, em oposição aos métodos católicos de ensino, baseados no desenvolvimento da moral de natureza religiosa, presentes em Pelotas no Colégio Gonzaga, então já tradicional instituição de ensino da cidade. Para tanto, implantaram um sistema de ensino que em 1915 já admitiu a matrícula de meninos e meninas, contrariando o modelo de educação na época adotado pelo Catolicismo.

Imediatamente os filhos de famílias ligadas à Maçonaria em toda a região de Pelotas passaram a buscar matrícula na escola. Eram principalmente famílias pertencentes à classe média, ao meio industrial emergente, e a uma parcela da intelectualidade da cidade. Embora fosse uma escola particular, através de um sistema de bolsas, eram admitidas no educandário crianças oriundas de famílias que não podiam arcar com as mensalidades.

Graças à reforma educacional implantada no Brasil em 1911 pelo ministro Rivadávia Corrêa, foi possível aos maçons pelotenses criarem três cursos superiores ligados ao Ginásio Pelotense. Ocorre que a referida reforma educacional, inspirada em ideais positivistas, concedia ampla autonomia aos estabelecimentos de ensino para, inclusive, criarem cursos superiores. Aproveitando-se disso, os dirigentes do

¹ *O Templário*, 07 de julho de 1922, 8.



Ginásio Pelotense criaram a Faculdade de Farmácia e Odontologia em 1911, a Escola de Agrimensura e a Faculdade de Direito em 1912.

Em 1915 a reforma do ministro Carlos Maximiliano reestruturou o sistema brasileiro de ensino e restabeleceu a influência do governo federal sobre a educação, determinando que a partir daquela data o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, passaria novamente a ser considerado estabelecimento modelo. As escolas secundárias em todo o país deveriam buscar a equiparação ao Colégio Pedro II, o que implicava, necessariamente, na estatização desses estabelecimentos de ensino, já que a lei vetava a equiparação de escolas particulares. Em decorrência disso o Ginásio Pelotense foi municipalizado em 1917. Na esteira dessas reformas as Faculdades criadas pelos maçons junto ao Ginásio Pelotense acabaram por ser absorvidas, primeiro pela Universidade do Rio Grande do Sul, e posteriormente pela Universidade Federal de Pelotas.

Durante as primeiras décadas do século XX o Ginásio Pelotense se tornou uma alternativa de ensino laico com qualidade diante do ensino ministrado no Ginásio Gonzaga. Congregando os regimes de externato e internato, o educandário era aberto a todos que desejassem frequentá-lo, sem qualquer distinção religiosa, oferecendo ensino primário e secundário.

O processo de municipalização daquela escola, ocorrido em 1917, decorreu não apenas de questões legais e administrativas, mas também do interesse da própria Maçonaria em que o educandário se tornasse público. Naquele momento histórico os maçons já apoiavam a ideia de que os poderes públicos deveriam gerenciar o sistema educacional, haja vista que com a proclamação da República em 1889 o Estado e a Igreja haviam se separado e a Constituição Federal, aprovada em 1891, tinha feito do Brasil um Estado laico. Portanto, nesse novo contexto a Maçonaria defendia a educação pública como sinônimo de uma educação laica e universal.

Mesmo se tornando uma escola pública, o Ginásio Pelotense se manteve com grande autonomia frente ao poder municipal durante boa parte do século XX e a Maçonaria continuou influenciando o seu processo de desenvolvimento histórico. Isso ocorreu graças a uma série de parcerias estabelecidas com a administração municipal e à ligação da instituição com os governantes do Município. Certamente esses fatores contribuíram para que este educandário chegasse ao século XXI como uma das maiores escolas secundárias municipais da América Latina, atualmente com mais de 4.000 alunos matriculados.



O Espiritismo e o Colégio União Espírita de Pelotas

O Espiritismo, enquanto doutrina filosófica, ao apresentar uma visão de mundo e de pessoa fundamentada numa perspectiva espiritualista, propõe um modelo educacional que, segundo Allan Kardec (1999), seria capaz de educar o indivíduo do ponto de vista não apenas intelectual, mas também moral.

Em *O livro dos espíritos*, obra básica da Doutrina Espírita, Kardec (1999) ressalta o que, de acordo com ele, seria a diferença entre 'educação intelectual' e 'educação moral': a primeira estaria ligada à aprendizagem de conhecimentos acerca do mundo material e espiritual, enquanto a segunda diria respeito a valores eminentemente morais. Nesse sentido, o organizador do Espiritismo chama a atenção sobre a importância não apenas da escola, mas, sobretudo, da família e da infância nesse processo. Para ele, o Espiritismo teria um papel a cumprir na sociedade e esse papel seria essencialmente educativo.

Graças a essa visão, os espíritas desenvolveram uma série de estratégias com vistas a concretizar os preceitos formulados por Allan Kardec no Brasil, onde, segundo Damazio (1994), o Espiritismo chegou na década de 1860. Por um lado os seguidores de Kardec buscaram organizar sociedades dedicadas a difundir a Doutrina Espírita. Essas entidades passaram a funcionar como centros de estudo sobre o Espiritismo, abrigando aqueles que pretendiam educar-se do ponto de vista moral e intelectual sob a ótica espírita. Por outro lado, os espíritas fundaram escolas de ensino regular destinadas a proporcionar uma educação intelectual calcada nos valores morais apregoados pela Doutrina Espírita.

Portanto, essa influência do Espiritismo no campo educacional ocorreu através da educação formal, com a fundação de escolas de ensino regular, e por meio da instituição de um modelo interno próprio de educação, desenvolvido nos centros espíritas.

O Espiritismo chegou a Pelotas justamente durante a sua *Belle Époque*, por volta de 1870, na bagagem de dois profissionais liberais espanhóis, um dentista e outro arquiteto. É natural que uma doutrina com forte apelo à leitura e marcada pelas noções de progresso e de ciência não tenha tido dificuldades para se inserir em uma sociedade urbanizada e com fortes laços culturais com os grandes centros do país e de outros continentes (Gil, 2011).

A cidade de Pelotas, caracterizada por sua opulência, mostrou-se então como



um cenário receptivo ao Espiritismo, que se apresentava não apenas como uma religião, mas também como uma ciência de observação e uma filosofia de vida nascida na França, o principal centro irradiador de novos hábitos e padrões culturais na época.

Na virada do século XIX para o século XX havia seis entidades espíritas em Pelotas, que funcionavam regularmente. Eram elas: o 'Grupo Espírita Amor a Deus', que era o mais antigo, fundado em 1897, o 'Deus, Amor e Caridade', o 'Fé e Caridade', o 'Grupo dos Humildes', o 'Centro Amor, Paz e Caridade' e o 'São Marcos, Amor e Paciência'.

Em 1901 essas seis entidades resolveram aglutinar esforços e acabaram por se fundir numa só, com o objetivo de melhor divulgar a Doutrina Espírita, dando origem à 'Sociedade União e Instrução Espírita', fundada em 29 de dezembro daquele ano. Esse fato marcou profundamente a história do Espiritismo em Pelotas e contribuiu enormemente para a divulgação da doutrina na cidade, permitindo aos espíritas pelotenses a concretização de uma série de empreendimentos.

Nesse sentido, uma das ações de maior destaque organizada por espíritas na cidade no início do século XX foi a fundação do Colégio União Espírita de Pelotas, criado pela 'Sociedade União e Instrução Espírita' em 1907. De acordo com o primeiro livro de matrículas da instituição, o Colégio iniciou suas atividades em janeiro de 1908 sob a responsabilidade do professor Francisco Joaquim Ferreira, ofertando um curso primário para meninos e contando com 75 alunos de várias idades, oferecendo um "curso gratuito, sem distinção de credos ou nacionalidades"².

Na mesma fonte é possível observar a evolução da matrícula dos alunos nos dois anos seguintes, percebendo-se que o número de frequentadores da escola cresceu. Em 1909 já eram 81 alunos matriculados e, no ano seguinte, o número aumentou para 84 crianças matriculadas³.

Considerando-se que, segundo a literatura acadêmica, a primeira escola espírita do Brasil teria sido o 'Colégio Allan Kardec', fundado por Eurípedes Barsanulfo em abril de 1907, na cidade de Sacramento, Minas Gerais (Bigheto, 2006), nota-se a importância do empreendimento dos espíritas pelotenses, já que o Colégio União Espírita de Pelotas estava em pleno funcionamento em janeiro de 1908. Isso demonstra

² Cf. CUEP, Colégio União Espírita de Pelotas, *Livro de Matrículas* (1908-1910).

³ *Idem*.



a legitimidade que o Espiritismo já desfrutava na cidade nos primeiros anos do século XX e a preocupação de seus adeptos em atuar junto ao campo educacional, buscando disseminar os seus ideais.

A documentação desta escola não está totalmente organizada e existem lacunas em seus arquivos. Contudo, de acordo com o material levantado até o momento, é possível afirmar que em algum período da década de 1910 o Colégio parou de funcionar, provavelmente em razão de questões financeiras, retomando as suas atividades na década de 1920, quando reapareceu rebatizado com o nome de 'Escola Assistencial Espírita Jeremias Fróes'. Na ocasião, o educandário passou a admitir também a matrícula de meninas, tendo como mantenedora a 'Sociedade Auxílio Fraternal de Senhoras Espíritas', centro espírita criado em 1911 por um grupo de senhoras da 'Sociedade União e Instrução Espírita'.

Durante todo o século XX, esta Escola funcionou com uma entidade educacional privada, oferecendo ensino fundamental gratuito principalmente para crianças pertencentes a famílias de baixa renda, pertencentes à comunidade onde está inserida a sua mantenedora.

Foi somente no ano 2000 que a instituição espírita mantenedora da Escola celebrou um convênio com o Município de Pelotas, através do qual a prefeitura assumiu a administração deste estabelecimento de ensino. A partir de então, passou a ser gerenciada pelo poder público municipal, continuando a funcionar no prédio da mantenedora, cedido em sistema de comodato. Este convênio permitiu a sobrevivência da instituição, diante das graves dificuldades financeiras que a mesma vinha enfrentando para se manter. Atualmente a Escola permanece em regular funcionamento, atendendo a 168 crianças e oferecendo ensino fundamental completo.

Considerações Finais

A fundação do Ginásio Pelotense e do Colégio União Espírita de Pelotas pelos maçons e espíritas pelotenses no início do século XX representa não apenas um importante capítulo na história do Município de Pelotas, mas também um marco na luta travada no Brasil em torno de temas como a liberdade de consciência e universalização do ensino.

Embora essas duas instituições educacionais tenham sido fundadas como entidades privadas, desde as suas origens procuraram congregar também indivíduos



que não podiam arcar com os altos custos educacionais da época. Além disso, desde muito cedo buscaram inserir no mesmo espaço meninos e meninas, transcendendo os preconceitos de gênero próprios das primeiras décadas do século XX.

Assim, a fundação dessas duas escolas representou a concretização de um ideal que se contrapunha ao projeto de ensino católico e que visava o estabelecimento de instituições educacionais assinaladas pelo espírito de tolerância e de inclusão, em uma época marcada por um projeto elitista no campo educacional.

Por sua vez, o processo de municipalização das duas escolas, embora tenha ocorrido de modo tardio em relação à Escola Assistencial Jeremias Fróes, continuadora do Colégio União Espírita de Pelotas, demonstra a importância que o poder público municipal assumiu no Brasil junto ao campo educacional, no que tange não apenas à administração das escolas, mas principalmente no que diz respeito ao financiamento para a manutenção de instituições escolares que certamente não teriam conseguido sobreviver sem o processo de municipalização.

Referências Bibliográficas

- Amaral, G. L. (1999). *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas*. Pelotas: UFPel, Seiva Publicações.
- Bigheto, A. C. (2006). *Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República*. Bragança Paulista: Editora Comenius.
- Bourdieu, P. (1998). *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (2000). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Certeau, M. (2011). *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- CUEP, Colégio União Espírita de Pelotas. *Livro de matrículas*. Período de 1908 a 1910.
- Damazio, S. F. (1994). *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gil, M. F. (2011). *O movimento espírita pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais*. Franca: UNIFRAN.
- Kardec, A. (1999). *O livro dos espíritos*. São Paulo: Petit.
- Magalhães, M. O. (1993). *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. UFPel, Livraria Mundial.



O Templário, Pelotas-RS. Década de 1920.

Viñao Frago, A. (2007). *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Lisboa: Edições Pedagogo.